

## **RACISMO: OLHARES DO PROBLEMA NO IFTO - CAMPUS ARAGUAÍNA**

**Aldo Luiz<sup>1</sup>, Dannyella Paiva<sup>1</sup>, Luiz Carlos<sup>2</sup>, Hélio Lacerda<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Estudante do Ensino Médio Integrado em Informática, Campus Araguaína do IFTO - e-mail <odlazilu13@gmail.com>

<sup>1</sup>Estudante do Ensino Médio Integrado em Informática, Campus Araguaína do IFTO - e-mail <dannypaiva160@gmail.com>

<sup>2</sup>Estudante do Ensino Médio Integrado em Informática, Campus Araguaína do IFTO - e-mail <luizcarlosjuniomagno@gmail.com>

<sup>2</sup>Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFTO-Campus Araguaína - e-mail: <helio.lacerda@ifto.edu.br>

**Resumo:** O artigo apresenta uma pesquisa qualitativa sobre o racismo através de entrevista com alunos e alunas do IFTO, com perguntas que mapearam alguns aspectos da vida dos pesquisandos. A pesquisa foi desenvolvida por alunos do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI) do IFTO-Campus Araguaína e surgiu a partir da lei 10.639 que trata da obrigatoriedade de se estudar as culturas afro-brasileiras e indígenas nas instituições escolares do país. Como resultado desta investigação, podemos perceber algumas mudanças de perspectiva dos alunos no que diz respeito à questões étnico-raciais no Campus Araguaína. O trabalho está organizado da seguinte forma: na introdução, apresentamos a justificativa, os objetivos e o contexto da pesquisa. Na metodologia, constam os métodos utilizados, que foram entrevistas semi-estruturadas, gravadas, transcritas e analisadas no resultados e discussões. Ao final, uma abordagem sobre a forma que o racismo estrutural gera impacto na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Lei 10.639/2003, NEABI Campus Araguaína, Pesquisa, Racismo estrutural.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho surge a partir da lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de cultura afro-brasileira no currículo escolar, a fim de visibilizar grupos historicamente excluídos. A legislação brasileira tornou possível e imperativo a inserção dos saberes de matriz afro e, posteriormente, a matriz indígena - lei 11.645/08. Os instrumentos legais, então, tornaram possível a realização dessa pesquisa no Instituto Federal do Tocantins, e por isso existe uma institucionalização de núcleos de estudos dedicados às pesquisas, assim como a estruturação de planos de ação pertinentes às minorias. O Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas do IFTO-Campus Araguaína é fruto dessa estruturação, onde investigações que abordam essa temática são produzidas. Foi criado pela portaria 238/2016, com atuação efetiva junto à comunidade interna e externa.

Assim, este artigo discute uma pesquisa qualitativa, resultado dessa política educacional que transforma seus alunos, colaborando para fomentar o debate sobre preconceito, intolerância e demais estigmas sociais. Nosso trabalho investiga a trajetória dos estudantes do IFTO-Campus Araguaína, a fim de mapear os percursos que fizeram até chegar aqui; quais os desafios enfrentados hoje e o que ainda precisa ser vencido. Como objetivo deste trabalho, temos a finalidade de investigar o enfrentamento do racismo em trajetórias escolares de estudantes do Ensino Médio no IFTO.

### **2 METODOLOGIA**

Essa pesquisa qualitativa analisou algumas narrativas sobre o racismo e as estratégias de enfrentamento de jovens negros do IFTO. A investigação aconteceu da seguinte forma: realizamos entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas com três estudantes que se autodeclararam negros: um adolescente de 15 anos, do 1º ano do curso de informática, uma adolescente de 16, do curso de biotecnologia e outra de 17, do curso de informática. O questionário objetivou identificar a presença de discursos racistas e discriminatórios a partir da trajetória destes jovens negros até chegar ao Ensino Médio. Na entrevista foram abordadas questões relacionadas a lazer, família e espaços frequentados, com 30 perguntas. Assim, através da entrevista semi-estruturada, comparamos os resultados dos alunos do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. A discussão sobre os dados se pautou em Ribeiro (2017), Lacerda (2018) e Almeida (2018).

O trabalho buscou mapear as regularidades discursivas, ou seja, identificar elementos que se repetem com algumas gradações, cujo resultado aponta para uma vigência estrutural do racismo, que parece se repetir tanto no nível comportamental quanto discursivo. Do ponto de vista teórico, nossa pesquisa se inscreve na perspectiva dos Estudos Culturais.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Buscamos mapear o percurso social que os sujeitos fizeram até chegar ao IFTO - Campus Araguaína, averiguando o enfrentamento do racismo na socialização escolar, abrangendo o Ensino Fundamental e Médio. Além disso, analisando o impacto das políticas públicas na vida dessas pessoas.

Embora as entrevistas tenham versado sobre os mais diferentes assuntos do cotidiano da vida dos entrevistados, em nosso recorte, selecionamos partes das respostas que dizem respeito diretamente ao nosso objeto de pesquisa: os marcadores discursivos que apontam para a presença do racismo estrutural.

#### **3.1 Ensino Fundamental: expressões do racismo no cotidiano escolar e o silêncio institucional**

O ambiente escolar é um dos espaços onde se inicia os primeiros processos de socialização do indivíduo, no entanto, a trajetória para o sujeito negro é mais difícil, já que além dos problemas sistemáticos produzidos para que ocorra o fracasso de parte da população, há também questões estruturais desenvolvidas durante o processo histórico brasileiro que se perpetuam no cotidiano e atravessa o espaço escolar.

Partimos em um dos casos da indagação sobre quais as lembranças e experiências do ensino fundamental da aluna Melina Mendes<sup>1</sup>, 16 anos e estudante do segundo ano do Ensino Médio no IFTO - Campus Araguaína. Ela entrou na Instituição em 2018 e concedeu a entrevista em 20 de setembro

<sup>1</sup> Todos os nomes originais dos participantes foram substituídos, nesse trabalho, por nomes fictícios afim de preservar a identidade dos mesmos.

deste ano. Obtivemos a resposta abaixo:

Assim, depende em qual sentido, porque tem vários... O que acontece é que no começo eu sempre fui... Isso vai muito da minha personalidade... Eu sempre fui muito ativa, em tudo que gostava de tá no meio e tals , só que eu também já fui muito impedida principalmente pela cor da minha pele, pelo meu cabelo... enfim, excluída de grupos. Só que eu nunca deixei isso me abalar, e aí eu sempre tentava ser quem eu sou na escola. Pra isso eu usei o estudo como arma, então sempre era a aluna que respondia as perguntas, apresentava os melhores trabalhos, por que eu não deixava que o que as outras pessoas falavam sobre mim, se tornasse uma verdade então eu sempre usava essa facilidade de aprender junto com a força de vontade pra ter um espaço na minha escola e etc. (Entrevista Oral, Melina, 20/09/2019)

A partir de Almeida (2018) se percebe no discurso acima a existência, do que ele denominou de institucionalização do racismo, que passa a ser naturalizado e o negro passa a ser inferiorizado e acusado pelas próprias mazelas. Num sistema estrutural racista, o negro não é vítima, e sim culpado pelo próprio racismo e desigualdade. A relação disso com o trecho é que no decorrer da fala vai aparecendo algumas pistas que indicam a marginalização do corpo negro, que por vezes leva a naturalização da exclusão social desse sujeito.

Quando a entrevistada diz que usa o estudo como estratégia para ganhar espaço e respeito no ambiente escolar, podemos entender primeiro que o racismo estrutural faz com que a tomada de espaços sejam mais difíceis, logo imersos a isso, o processo para a quebra de silêncio e alienação, gerado pela estruturação que pode ser exemplificada, chega a ficar clara no relato a respeito das exclusões. Exclusões que só passam a ser quebradas por meio da tomada de consciência do seu lugar de fala. Os resultados da pesquisa mostram que o lugar de fala é pode ser enunciado no ensino fundamental, mas ganha forma apenas no ensino médio, especialmente com a inserção de grupos e debates da mesma linha teórica propostos pelo NEABI. Djamila Ribeiro (2017) apresentou o lugar de fala como a luta a partir do conhecimento do seu lugar na hierarquia e por meio dela começarmos a nos manifestar, para que ocorra o trabalho para a conquista dos nossos direitos e fica bem clara a aplicação disso na passagem quando a entrevistada diz que utiliza o estudo como arma para ganhar o espaço no seu ambiente.

Compreendemos em continuidade que manifestações culturais e expressões afro-descendentes são importantes para a construção da identidade negra e o empoderamento. Em virtude disso, quando perguntada a respeito sobre quais os cantores e músicas favoritas, a entrevistada, respondeu:

Levando pro brasileiro, eu gosto do Baco Exu do Blues que é um cara do nordeste que está ganhando espaço agora, ele canta... ele tem um estilo próprio de música também e críticas sociais que estão entrelaçadas na forma bonita das músicas. Minha música preferida é never gonna be alone de uma banda de pop rock nickelback que eu cresci ouvindo. (Entrevista Oral, Melina, 20/09/2019)

Por meio do seguinte depoimento, constatamos que a produção artística transforma-se como ferramenta de resistência, pois isso estimula o desenvolvimento de

manifestações culturais afro-descendentes como representação negra, sem se prender somente às produções eurocêntricas. É notório através de produções de autores da área que essas pessoas que tentam resistir, em sua maioria, são instruídas para este fim, seja na escola, em casa, por meio de amigos ou internet, fazendo com que elas neguem o conformismo e tentem romper com o ciclo do racismo estrutural.

### **3.2 A incorporação do lugar de fala no ensino médio-IFTO: algumas estratégias para o enfrentamento do racismo**

Apesar de ser um ambiente escolar como qualquer outro, o Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins - Campus Araguaína pode provar que é possível uma transformação social na vida desses alunos, isso é perceptível analisando a resposta da pergunta: **“Para você como é ser negro no Brasil?”**. A resposta do aluno João da Silva, do primeiro ano, contém elementos de uma representação da condição negra veiculada pela mídia e a esfera pública brasileira que dificilmente liga os fios invisíveis e estruturais da instituição do racismo entre nós. Nesta, observa-se falta de aprofundamento no tema, algo que tende a ser comum pelo fato do discente estar começando o ensino médio, e por isso tendo pouco contato com literatura, debates, participação em eventos e estudo sobre o tema. É importante destacar que isso não é necessariamente uma regra, apenas uma constatação no que se deve ao acesso do mesmo ao ensino. Por sua vez, a aluna Fulana de Tal do segundo ano - e participante do NEABI desde o primeiro ano na instituição - responde de maneira mais embasada, aproximando-se das leituras e debates presentes quinzenalmente no NEABI. Abaixo, as respostas. Primeiro, o que falou o aluno do primeiro ano:

Ser negro no Brasil envolve vários fatores, pois a “raça negra” sofre desvalorização pelo simples fato de ser negro, e isso se torna maior quando analisamos as zonas periféricas do nosso país, por isso eu digo que ser negro no Brasil é difícil, pois se trata da população que mais sofre com casos de preconceitos, abusos e homicídio. (Entrevista Oral, Ciclano da Silva, 23/09/2019)

Nota-se que o que foi comentado pelo aluno é verdade, entretanto a resposta é construída dentro de um parâmetro simplório e de visão comum, como “racismo é ruim”, “negros sofrem”, “eles vivem em zona periférica”... Abordagens como essa demonstram uma superficialidade no discurso, embora ele esteja certo.

Ainda que não muito aprofundado, nota-se que a resposta obtida pela aluna do segundo ano foi mais sólida, com conceitos que somente com leituras é possível concluir. A resposta foi:

Isso é uma questão bem difícil, por que é uma coisa que ainda não é aceita o Brasil, tem a máscara de que é sem racismo e miscigenado, tudo em umas mil maravilhas, mas isso não é verdade, porque a gente está numa época em que as pessoas são chicoteadas dentro de um supermercado, cara! Então,,, tipo,,, É um pouco difícil, é uma coisa que na minha opinião deveria ser mais debatida, e não ser uma coisa que tipo ‘Ah vamos falar de racismo de novo’, entende? Por que até quando a gente vai ter que ficar discutindo sobre cor? Enfim, se todo mundo é igual a todo mundo, geneticamente falando, nós somos incríveis... Então porque a gente tem que ficar conversando e debatendo sobre esse tipo de coisa? Por que é tão difícil entrar na cabeça das pessoas? A resposta a essas perguntas estão todas em processos históricos, onde contextualizando o período das grandes navegações... O choque de culturas, quando houve a escravização e a dizimação de índios e negros, por isso que é tão difícil parar com o racismo por não ser uma coisa que foi de agora, existe desde muito antes, então é difícil falar sobre o racismo. (Entrevista Oral, Melina, 20/09/2019)

A construção do raciocínio que a aluna traz ao responder passa por elementos teóricos importantes, que fogem ao senso comum, de um ideal único e definido sobre o racismo, que é complexo e carregado de contextos escravocratas que dão a definição do modelo da sociedade hoje, isso fica evidente quando é citado as navegações e o processo de escravização dos negros. Detalhes importantes que ajudam a enriquecer e dar a ideia da dimensão da pauta a ser discutida no âmbito social, não somente em pequenos grupos, mas expandindo a toda uma Nação.

A jovem cita um exemplo ocorrido pouco tempo antes da entrevista ser gravada, um caso de um adolescente negro chicoteado num supermercado quando tentava furtar comida, por não ter condições de comprar, o ato não é certo, porém a maneira humilhante e de métodos punitivos que lembram a escravidão são estarrecedores. A lembrança da aluna ao tocar no assunto mostra que há uma conexão do que ela lê, com a realidade na qual ela está inserida, observando as diferentes manifestações racistas em sua volta.

Analisando ainda o que a aluna chama de “máscaras” para esconder o racismo, podemos notar que a mesma tem noção do que se passa em boa parte da sociedade, a tentativa de relativizar o racismo, como se fosse uma pauta vencida, embora de manifestação cotidiana, só que com menos intensidade do que no passado. Esse conceito é bastante explorado por pessoas que buscam essa relativização do racismo enquanto definidor de classes e problema social, ter clareza nesse aspecto é um processo difícil, ainda que exista um contato com teóricos do tema. Identificar isso como problema é um importante passo para encarar o racismo como um problema de fato, e não apenas um debate.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Levamos neste trabalho a discussão a respeito do mapeamento dos percursos sociais que os sujeitos fizeram até chegar ao IFTO - Campus Araguaína, investigando o enfrentamento do racismo na escola, abrangendo o ensino fundamental e Médio. Além disso, analisamos o impacto das políticas

públicas na vida dessas pessoas. A investigação aconteceu por meio de entrevistas em que podemos perceber o quão importante é a implantação de políticas públicas voltadas para os grupos minoritários, o quanto a identificação e reconhecimento do lugar de fala se faz relevante para a construção do processo de ocupação e tomada de espaços importantes como o instituto, logo temos que a contribuição dessa perspectiva abordada, colabora para o entendimento no assunto, fomentação de discussões teóricas ou até mesmo abertura para debates a respeito.

Conclui-se que as reuniões do NEABI - Campus Araguaína apresentam além de debates sobre o racismo, uma capacidade teórica capaz de provocar mudanças significativas de perspectivas dos alunos que frequentam o Núcleo, ou seja, ao discutir isso quinzenalmente, o debate sobre ações afirmativas toma um papel importante na vida desses jovens como resultado para a sociedade: existe um problema racial sério no Brasil e que precisa ser combatido. Grupos como o NEABI e outros presentes no ensino médio são de importância determinante para a formação de cidadãos.

## REFERÊNCIAS

Almeida, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural ?**. Belo Horizonte (MG): Letramento 2018.

Brasil. Lei nº 10.645, de 10 de março de 2008, Instituída na diretrizes e bases da educação nacional. **Diário oficial da União**: Seção 1 de 11/03/2008, Brasília (DF) 187º da Independência e 120º da República.

Brasil. Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. Instituída na Constituição Federal. **Diário oficial da União**: Seção 1 de 10/01/2003, Brasília (DF). 182º da Independência e 115º da República.

**Cadernos Negros, 24: contos afro-Brasileiros**. Organizadores: Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2001.

Nascimento, Abdias de. **O Genocídio do negro Brasileiro**, São Paulo: Perspectiva, 2016.

**Negras (in)confidências. Bullying, não. Isto é racismo**. Mulheres negras contribuindo para as reflexões sobre a Lei 10.639/03. Organização de Benilda Brito e Valdecir Nascimento. Belo Horizonte (MG) : Mazza Edições, 2013.

**LACERDA, Hélio Márcio Nunes. TÍTULO DO CAPÍTULO. In: O ensino de literatura africana: textos, sujeito e práticas**. Organizadores: Darnival Venâncio Ramos Júnior, Márcio Araújo de Melo. Palmas (TO): Universidade Federal do Tocantins/EDUFT, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** . Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.